



# WILLOW

DEFY THE RAVAGED BOOK ONE

E.M. RAEGAN



Olá caro leitor...

Como vocês sabem, nosso trabalho é feito de forma gratuita, e por ser feito apenas pelo prazer a leitura, saibam que pode conter erros...

**Pedimos que NÃO seja compartilhado, pois são de leitura individual, é estritamente PROIBIDO a divulgação nas redes sociais, como: Tik tok, Kwai, Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Docero entre outros....**

# ÍNDICE

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

*Para minha irmã, D, cujo amor por zumbis e romance pode superar o meu. E quem ouviu esse sonho maluco que tive há dois anos e me disse para escrever a história dele.*

# CAPÍTULO UM

"Hum?" Tirei meus fones de ouvido e olhei para a porta do meu quarto. Eu poderia jurar que ouvi um grito. "Mãe?"

Escutei novamente, mas não ouvi nada. Suspirei e joguei meu livro de lado. Eu estava nas férias de verão da faculdade e aproveitando a paz e o sossego para abrir algumas das minhas descobertas de 25 centavos. Normalmente eu ficava sozinha em casa, então era estranho ouvir alguém aqui durante o dia. Minha mãe costumava gastar o dinheiro de Rick enquanto ele trabalhava e dormia com a secretária do escritório. Eles estavam namorando há três anos e seu relacionamento disfuncional me impediu de ter um.

Passei pela bagunça de livros e roupas no chão. Eu era muito bagunceira para uma jovem de 21 anos, mas preferia enfiar o nariz em um livro do que manter tudo impecável como minha mãe fazia. Acendi minha lâmpada para poder ver por onde andava. Meu quarto tinha pesadas cortinas black-out porque eu tinha insônia e geralmente tirava vários cochilos durante o dia. Eu rapidamente limpei o queijo Cheeto do meu jeans rasgado e da camiseta do Weezer para que minha mãe não me criticasse e abri a porta.

A princípio pensei tê-la imaginado gritando; mas a luz do sol era forte e refletia nas fivelas prateadas de sua bolsa de grife na entrada mesa. Eu presumi que ela saiu esta manhã enquanto eu dormia, mas os sapatos dela e de Rick ainda estavam perfeitamente alinhados na porta da frente. Mamãe nunca deixava os sapatos de fora, a menos que fossem elas que ela iria usar – ela era exigente com a desordem. Algo vibrou no balcão e olhei para o telefone de Rick enquanto ele deslizava sobre a bancada.

Olhei novamente para o meu relógio. Eram onze da manhã. Não havia nenhuma maneira de ambos ainda estarem em casa. Rick saiu às seis em ponto e mamãe saiu às oito em ponto. Eles nunca se desviaram de seus horários. E foi super fora do comum eles voltarem para casa, principalmente enquanto o outro ainda estava aqui. Eles se evitavam como uma praga.

Eles nem deveriam estar juntos, mas eu tinha a sensação de que Rick ainda a apoiava por minha causa. Ele pode ser infiel, mas era o melhor pai substituto que uma garota poderia ter. Ele me amava quase tanto quanto eu o amava.

"Olá?" Chamei hesitante. Se eles não respondessem, eu me trancaria no meu quarto. De jeito nenhum eu iria testemunhar uma de suas interações físicas muito, muito raras. Nojento. Rick tinha uns cinquenta anos, e mamãe, sim, eu já tinha visto o suficiente dela crescendo. Ela nunca se importou em proteger a filha de ver esse tipo de coisa, não importa quantos anos eu tivesse. Eles podem se odiar, mas isso não significa que ainda não foram para a cama juntos depois de um pouco de vinho a mais.

Um grito abafado me respondeu, mas não veio de dentro do nosso apartamento chique. Estava do lado de fora da porta. Fiquei na ponta dos pés e espiei pelo olho mágico. Pisquei e recuei, franzindo as sobrancelhas. Balancei a cabeça e olhei novamente. Sim, havia um estranho no corredor. Ele estava com roupas esfarrapadas e cheirou a parede enquanto chorava o mais alto que podia. Observei-o por um momento enquanto ele farejava a porta do nosso vizinho.

Nosso apartamento ficava em um prédio bonito, com porteiro e tudo, mas em todos os lugares da cidade havia suas maluquices. Ainda assim, era estranho ver alguém vagando durante o dia.

Eu pulei quando ele se virou e olhou diretamente para a nossa porta. Ele se arrastou e bateu nele, e eu pulei novamente. Seus gemidos aumentaram de volume e ele começou a bater na porta. Comecei a tremer e olhei para a porta da minha mãe e de Rick. Eu estremei. Eu realmente não queria interrompê-los, mas não queria apenas chamar a polícia. Minha mãe ficou chateada com a menor das cenas, agora que ela estava vivendo e tentando impressionar todas as socialites locais.

Suspirei e caminhei até a porta deles com relutância. Mordi o lábio e escutei. Eu podia ouvir algo lá dentro, mas não era nenhuma das batidas na cabeceira da cama que eu estava acostumada a ouvir. Eu bati. Os ruídos pararam e um deles gemeu alguma coisa. "Pessoal? Sinto muito, mas algum estranho está na porta. Receio que ele vá invadir se não chamarmos a polícia." Nada. "Ouviram me? Olá?" Bati com mais força. Alguém rosnou e eu suspirei. Mamãe provavelmente estava tendo outro de seus acessos de raiva, mas não era típico de Rick não vir e dizer algo para que eu pudesse evitá-la.

O cara na porta estava realmente fazendo isso, e a mesinha ao lado da porta estava começando a tremer. O vaso de flores ia cair. Meu estômago começou a apertar, o medo se insinuando. "Ei, sério, ele vai invadir." Girei a maçaneta e abri uma fresta. Sons desagradáveis de sucção chegaram aos meus ouvidos e eu fiz uma careta. "Ei, faça uma pausa por um segundo. Um cara está aqui—"

Um grunhido de pura raiva veio de dentro e algo caiu no chão. Um sentimento sombrio e ameaçador lançou uma sombra sinistra sobre mim, mas eu ignorei e empurrei levemente a porta até o fim.

Eu sempre me arrependeria de não ter ouvido esse aviso.

A porta rangeu nas dobradiças e bateu na parede. Fiquei boquiaberta diante da cena à minha frente, meu rosto perdendo a cor e os pelos dos meus braços arrepiados.

Rick ficou lá; seus olhos estavam vermelhos e queimando nos meus. Seu rosto pingava um líquido vermelho escuro, e seu terno estava coberto do mesmo vermelho escuro, da gola da camisa até a frente da calça preta.

Olhei para seus pés e engasguei. O puro choque me congelou quando olhei para o emaranhado e ensanguentado cabelo loiro de minha mãe, não mais da mesma cor dourada que o meu, mas agora tingido de rosa e vermelho profundo. Suas unhas perfeitamente cuidadas apontavam para mim no tapete, e eu segui o caminho de sua mão, subindo pelo braço, até o coto ensanguentado onde ele costumava estar preso ao seu corpo mutilado.

"O-o que você-você fez?" Eu gaguejei para Rick. Ele rosnou e rosnou, dando um passo irregular em minha direção.

Recuei com os pés dormentes, tropeçando na bainha rasgada da minha calça jeans. "Mãe?" Perguntei com uma voz baixa que mal reconheci como minha. Mas ela se foi, com os olhos sem vida olhando para o teto. "Por que?" Eu respirei através das lágrimas e terror. Rick rosnou um som baixo e desumano, e o homem no corredor uivou. Caí para trás quando Rick se lançou sobre mim. Girando, deixei o instinto e a adrenalina assumirem o controle enquanto me jogava no meu quarto e batia a porta.

Seu grande corpo bateu na madeira e eu saltei brevemente antes de me jogar de volta na porta. Enterrei os dedos dos pés descalços no tapete creme e empurrei com toda a força que

tinha, o terror enchendo meus ossos. A porta clicou e eu fechei a fechadura, recuando com as mãos no cabelo. Ele bateu na porta, deformando-a para dentro. Eu olhei em volta freneticamente e agarrei a borda da minha estante, derrubando-a na minha porta. Bugigangas e livros voaram em todas as direções, chovendo sobre mim.

Eu tremia enquanto olhava ao redor do meu quarto, procurando meu telefone. Subi freneticamente na minha cama, arranquei-o do chão do outro lado e encostei-me à janela, arrancando os blackouts. Eu o desbloqueei e precisei de três tentativas para abrir o aplicativo de discagem e outras três tentativas antes de discar para o 911 com sucesso.

Levei-o ao ouvido e prestei atenção ao toque enquanto Rick rosnava e rosnava, batendo na porta com o corpo. Recebi um sinal de ocupado. Olhei para o telefone, incrédula. Apertei ligar novamente, meu coração batendo tão forte que parecia que ia sair voando do meu peito. Sinal ocupado. Engasguei com um soluço histérico e gritei de medo quando o telefone da casa tocou na minha mesa de cabeceira. Larguei meu celular e corri para o telefone sem fio, apertando o botão de atender sem olhar para o identificador de chamadas, acreditando plenamente que uma operadora de emergência estaria do outro lado. Mas não foi.

"A-ajuda," eu engasguei.

"Willow?" Jason rosnou. Eu chorei, incapaz de dizer uma palavra. "Low? Onde você está?"

Rick rosnou e outro uivo ecoou pelo apartamento, seguido por um grande estrondo.

"Willow," Jason rosnou. "Você está sozinha? Onde você está?"

"Hhhh-casa", soluzei e gritei enquanto a porta do meu quarto se estilhaçava. Mergulhei em direção ao meu banheiro conectado e bati a porta, trancando-a.

"Escute-me, princesa. Onde no apartamento?" Um rugido alto do motor — explodiu no alto-falante, mas foi interrompido quando algo bateu na porta do meu banheiro. Eu gritei novamente. "Responda-me!" ele trovejou.

"Meu banheiro!" Eu gritei enquanto jogava meu corpo contra a porta do banheiro quando ela começou a se curvar para dentro.

"Ok, olhe para cima. O que você vê?" Jason ligou o motor novamente e eu engasguei quando fui arremessada para longe da porta, Rick batendo nela do outro lado. "Faça isso agora, Low."

"T-Teto. O que estou procurando?"

"Existe uma ventilação?"

Olhei em volta e vi uma abertura quadrada com cerca de trinta centímetros de largura e trinta centímetros de comprimento. "S-sim."

"Você consegue alcançá-la?"

Olhei em volta e balancei a cabeça. Havia um chuveiro e uma pia.

"Você consegue subir em alguma coisa?"

"A pia," eu engasguei e pisquei para afastar enormes gotas de lágrimas dos meus olhos.

"Ok, suba e arranque a ventilação. Faça isso rápido. Use tudo o que você tem." Seus pneus cantaram quando pulei na pia, gritando quando a porta se abriu. "Vamos, princesa, rápido."

Deixei cair o telefone no balcão e fiquei na ponta dos pés, enfiando os dedos na ventilação, raspando a pele das pontas. Eu puxei e puxei, mas não se mexeu. Jason gritou do outro lado da linha, mas eu não conseguia ouvi-lo por causa dos uivos desumanos do lado de fora da porta.

Puxei com força, abrindo os dedos, e levantei os joelhos até o peito, pendurado nele. Ele rangeu e desabou. Caí e bati de lado no canto do balcão, e meu cotovelo bateu no chão. A porta tremeu novamente e eu pulei, subindo de volta no balcão.

"WILLOW!"

Eu atendi o telefone.

"RESPONDA-ME!"

"Eu consegui!" Eu gritei.

"Boa menina," ele respirou com voz rouca. "Agora leve essa bunda para cima."

Balancei a cabeça e joguei meu telefone na ventilação. Levantei-me com os braços, mas não fui forte o suficiente. Encostei os dedos dos pés no espelho do banheiro e empurrei para cima, pulando na ventilação. Minhas mãos deslizaram, mas eu me mexi, balançando as pernas de um lado para o outro até que meu peito estivesse dentro e minhas pernas ficassem para fora. A porta se abriu, batendo em meus pés, e eu gritei novamente. Meus dedos agarraram uma placa de metal e puxei com tudo que tinha. Entrei na ventilação até os joelhos quando mãos agarraram meus pés, arranhando-os. Um som estrangulado e aterrorizado saiu da minha garganta, e eu chutei descontroladamente, me puxando para dentro, minhas mãos rangendo no metal.

Rastejei mais para dentro da ventilação e caí, soluçando.

"Willow. Low, querida, atenda o telefone — implorou Jason. Chorei e acenei com as mãos acima de mim até encontrar o telefone.

Puxei-o até o ouvido e chorei. " Jay, " eu gemi, gritando, meu peito batendo forte e meu corpo doendo pelo esforço que foi necessário para me levantar.

"Eu preciso que você me escute, princesa. Acalme-se e me escute", ele cantava sem parar. Eu engasguei e estremei. Meu corpo resistiu ao tentar controlar a emoção. "Você precisa engatinhar, Willow. Afaste-se dessa abertura." Balancei a cabeça e empurrei para cima, deslizando mais para dentro da ventilação. Continuei até não conseguir mais ver a luz da ventilação e desabei de costas.

"Você está machucada?" ele rosnou. Balancei a cabeça para frente e para trás e gemi. "Verifique você mesmo. Você está ferida em algum lugar?"

"M-minhas costas," eu resmunguei. Doeu ao bater no canto da pia. "M-minhas mãos." Eles estavam sangrentas e doloridas. Eu não conseguia tirar os olhos da abertura da ventilação. Eu o ouvi lá embaixo, batendo e rosnando. Eu não estava segura aqui. Rick poderia simplesmente subir na ventilação para chegar até mim.

"Abaxe sua voz, Low. Sussurre para mim. Não faça outro som a menos que eu faça uma pergunta."

Balancei a cabeça e mordi o lábio para conter outro soluço.

"O que aconteceu com suas costas?" Sua voz estava firmemente controlada.

"Eu caí," eu sussurrei.

"Seus dedos?" ele rosnou.

"A ventilação."

"Isso é bom, princesa, isso é muito bom", ele murmurou, aliviado. Ele respirou fundo pelo telefone. "Quem está aí com você?"

Olhei de volta para a ventilação e balancei a cabeça. Eu não poderia contar a ele. Como eu poderia contar a ele sobre seu tio? "Eles não estão certos. A-algo está errado com eles."

" Willow, quem ?" ele rosnou.

"Um cara do corredor e—" Mordi o lábio e enxuguei as lágrimas no meu rosto, "R-rick."

Silêncio. Então uma maldição alta e cruel. "Ouça-me, Low. Vou desligar o telefone—"

" Não ", eu gemi, apavorada. "Não me deixe." Eu não estava *segura* aqui. Mas quanto mais eu observava a ventilação, mais confusa ficava. Eu ainda podia ouvi-lo, mas ninguém me perseguiu até aqui.

"Eu não estou deixando você. Meu telefone vai morrer. Preciso ter certeza de que você pode me ligar, ok? Preciso que você seja corajosa e fique quieta. Você pode fazer isso, princesa?"

Eu funguei e balancei a cabeça.

"Responda-me."

"Sim," eu ofeguei.

"Boa menina, você se saiu tão bem. Estou indo atrás de você, Low. Estou indo agora. Não se mova e não faça barulho. Você me escuta? Não importa o que você ouça, não faça nenhum som," ele rosnou.

"Ok," eu engasguei e mordi meu braço para abafar outro soluço.

"O que eu disse, Low? Diga-me."

"Você está vindo. Não faça barulho, não importa o que eu ouça", chorei o mais baixinho que pude.

"Isso mesmo, não importa o que você ouça – nenhum som. Estou indo atrás de você, Low. Eu prometo. Você me escuta? Vou tirar você daí."

Balancei a cabeça e gritei silenciosamente enquanto ele desligava. Rolei e passei as mãos em volta da cabeça para abafar o eco dos rosnados e enrolei os joelhos até o peito.

Jason estava vindo, eu cantei em minha cabeça novamente. Ele estava vindo. *Ele estava* .

## CAPÍTULO DOIS

Eu não sei quanto tempo esperei lá. Poderiam ter se passado horas, dias ou apenas minutos, mas pareceu uma vida inteira. Os rosnados e rosnados não pararam – nem uma vez.

Eles apenas pareciam crescer em volume.

Acho que morri cerca de mil vezes enquanto esperava por ele – enquanto esperava que mãos estendessem-me para me agarrar e me arrastar para fora do respiradouro.

Liguei para o 911 tantas vezes que perdi a conta. Mas nunca houve uma resposta. Mas *Jason estava vindo*.

Jason era sobrinho de Rick. Ele me odiava, tipo um ódio do tipo que não me suportava. Mas eu sabia que ele estava vindo. Eu o senti vindo em minha direção. Eu senti isso em meus ossos. Ele nunca quebrou uma promessa.

Eu o conheci há três anos, quando seu tio começou a namorar minha mãe. Achei que Jay era o homem mais sexy e bonito que já vi. Ele era jovem - então com vinte e três anos - e estava no exército. Ele tinha acabado de voltar de uma missão quando apareceu no apartamento de Rick, batendo na porta. Fui a azarada de atender a porta. Rick não estava em casa e minha mãe estava ao telefone, nem um pouco preocupada com o tanque de um metro e oitenta gritando na porta.

Ele se chocou contra mim enquanto invadia o interior, gritando por Rick. Todos os dois metros e meio de músculos tensos se enfureceram quando ele empurrou a porta do apartamento. Minha mãe desligou imediatamente o telefone e olhou para ele com interesse. Ele marchou até ela e enfiou o dedo grosso em seu rosto. "Você é a vadia que está fodendo meu tio?" Ele perguntou, rosnando para ela.

Minha mãe lambeu os lábios, ajustou a saia muito curta e assentiu, percorrendo o corpo musculoso dele com os olhos.

Ele olhou para ela com desgosto. "Você acabou com um casamento. Você sabe disso?"

Minha mãe corou e puxou o cabelo para trás. "Eles estavam infelizes", ela disse, sem um pinga de remorso.

"Isso lhe dá uma desculpa para transar com ele na cama de Mary?"

Eu fiquei boquiaberta com minha mãe. Eu sabia que Rick estava se divorciando, mas não tinha ideia de que minha mãe tinha desempenhado um papel nisso. Mary era a ex-esposa de Rick. Eu sabia que minha mãe era insensível e egoísta, mas a cama deles? Em sua casa? Isso era baixo, mesmo para ela. Inferno, foi baixo para Rick, e eu realmente gostei dele. Ele passou um tempo comigo. Ele era doce. Ele manteve minha mãe longe de mim.

"Ela não estava transando com ele", minha mãe cuspiu e se virou, deixando-se cair no sofá branco da sala de estar. Ela pegou o telefone e ignorou completamente o homem enorme e irritado. Ela lhe deu completamente as costas.

“Você é uma prostituta caçadora de ouro, mulher”, Jay rosnou e depois se virou para mim. Eu recuei enquanto ele se aproximava, elevando-se sobre mim. Ele me olhou de cima a baixo com as roupas de igreja de grife que minha mãe me fazia usar. Minha educação universitária estava em jogo. Se eu tivesse que me enfeitar e ser legal com seus novos amigos por isso, que assim fosse. Mas Jason tinha visto uma cópia carbono da minha mãe e zombou de mim, seu rosto contorcido em algo feio. “Ele tem filhos”, ele gritou e enfiou aquele dedo grosso na minha cara. Eu estremei e recuei, não sendo um estranho ver homens grandes estendendo a mão para mim. Minha mãe teve muitos namorados que perceberam sua negligência comigo e se aproveitaram. “Você gosta de tirar o pai deles, vadia?”

Eu balancei a cabeça, chocada e em silêncio .

“Você gosta de roubar o pai daquelas meninas?” Eu não sabia que Rick tinha filhos. Ele nunca tinha falado sobre eles comigo. Eu odiei o pedaço de dor que me atingiu. Ele me disse que eu era sua namorada. Eu não tinha o direito de sentir aquela dor. Mas Rick era tudo que eu poderia desejar em um pai, e ele não era meu. Ele pertencia a outra pessoa.

“Ele não dá um centavo àquelas garotas, e olhe para você”, Jay zombou. “Princesa chique sentada no castelo do pai.” Ele olhou ao redor do apartamento e torceu a boca. “Nojento, vocês duas.” Então ele foi embora. E eu fui para sempre apelidada de Princesa aos olhos dele.

Fui forçado a ir às reuniões de família deles, suportando três anos de olhares desagradáveis e palavras ofensivas que eles nunca tentaram esconder de mim. Eu não era nada parecida com o que eles pensavam de mim. Eu usava as roupas que minha mãe comprava para mim nessas festas porque ela queria manter as aparências, e eu sabia que ela fazia tudo ao seu alcance para roubar de mim minha mensalidade da faculdade. Rick preencheu os cheques e sempre me disse para não me preocupar com ela, mas anos de condicionamento eram difíceis de quebrar. Por causa disso, eu parecia uma princesa querendo o dinheiro do namorado da minha mãe, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Eu trabalhava todas as noites depois das aulas em uma livraria, determinado a devolver cada centavo a Rick.

Eu era um pária em sua família – algo sujo e contaminado. Suas filhas eram todas mais velhas do que eu e me odiavam. Não demorou muito para perceber que eles eram mimados e tinham direitos, mas sua família estava cega para isso. Jason raramente estava lá, sempre servindo seu país em algum lugar ou viajando com seu clube de motociclistas - The Matron's Watchmen - mas quando ele estava em casa, ele me fazia sentir a mais suja de todos.

Ele era tão lindo e bonito e era tão doce com sua família. Mas com minha mãe e eu? Ele era um idiota. Tentei lembrar que ele e sua família viam minha mãe e eu como destruidores de lares e que tinham motivos para nos odiar. Mas foi difícil e só ficou mais difícil a cada ano. O ressentimento tomou conta de mim ao longo dos anos. Fiquei ressentida com minha mãe por nos colocar nessa posição. Fiquei ressentido com Rick por me colocar nessa posição – por me levar a todas as reuniões de família e por se esforçar tanto para forçar um lugar para mim em sua família. E fiquei ressentido com Jay e sua família por me julgarem com base nas ações de minha mãe e de Rick.

Nunca, em um milhão de anos, eu esperaria Jason do outro lado da linha. Nunca teria esperado que ele me treinasse em algo tão traumatizante. No passado, ele teria arrancado a própria mão antes de me emprestar.

Mas agora ele estava vindo. Eu não tinha muitas pessoas no mundo. Minha mãe estava morta. Rick era um psicopata. Mas eu tinha Bil-

Meu telefone tocou, arrancando um grito de mim. Eu lutei para pegá-lo, ofegando enquanto os rosnados aumentavam de volume. "Jay?" Eu perguntei baixo.

"Ei, estou aqui", ele sussurrou. "Vou demorar um pouco para chegar até você, e você pode me ouvir chegando, mas não saia, ok? Não até eu mandar."

"O que está acontecendo, Jason?" Perguntei. Minha voz estava áspera e rouca.

"Eu te conto quando te ver, ok?"

"Ele a matou," eu gemi. "Ele estava coberto com o sangue dela," eu choraminguei.

"Rick?" ele perguntou, sua voz rouca.

"Sim," eu engasguei.

Ele amaldiçoou. "Apenas aguentem firme. Estou indo, Low. Não se mova, ok?"

Sussurrei minha concordância e chorei lágrimas silenciosas quando ele desligou novamente. Agora que meu choque estava passando e eu conseguia processar um pouco mais, pude imaginar os olhos mortos de Rick enquanto ele olhava para mim. Eu não sabia quem era aquele homem, mas ele não era Rick.

Ruídos externos eram filtrados pelas paredes e eu podia ouvir o caos lá fora. Mas eu não conseguia acreditar em algumas das coisas que passavam pela minha cabeça – as possibilidades por trás do caos tanto lá fora quanto dentro da minha própria casa. As sirenes soaram e os gritos eram intermináveis. Algo ruim estava acontecendo. Algo muito, muito ruim. Algo que você só via na televisão ou lia em livros.

Eu pulei quando tiros dispararam ao meu lado. Eu os tinha ouvido à distância enquanto esperava por ele, mas estes estavam muito mais próximos. Cobri meu rosto e segurei meus soluços enquanto eles ficavam cada vez mais altos, cada vez mais próximos.

Um grande estrondo passou pelos meus pés e vários tiros ecoaram pela ventilação. Então eles pararam e tudo ficou em silêncio – nem um único rosnado. Prendi a respiração e escutei.

"Low?" uma voz chamou. Eu choraminguei e comecei a me virar no desabafar, descendo. "Low, venha aqui, querida."

Eu grunhi e fugi, gritando quando uma mão envolveu meu tornozelo. "Sou eu, princesa. Apenas Jason." Chorei e fiquei mole quando ele me puxou pelo buraco. Então eu estava em seus braços, e ele me apertou contra seu peito, cantando "obrigado, porra, obrigado, porra", repetidamente.

Passei meus braços em volta de seu pescoço e o apertei com força enquanto ele me carregava para fora do quarto. Ele me sentou na cama e se agachou na minha frente, seus olhos vagando loucamente pelo meu rosto. "Você está bem, Low. Olhe para mim. Vou pegar uma sacola e quero que você coloque algumas roupas dentro. Eu estarei nas suas costas. Não se vire, ok? Não se vire." Balancei a cabeça e deixei que ele me puxasse para cima. Ele passou o braço em volta da minha cintura e me acompanhou até minha mesa. Ele pegou minha mochila, tirou os livros dela, deu um passo para o lado e abriu minhas gavetas. Peguei tudo que minhas mãos tocaram e joguei dentro da mochila, enchendo-a. Jason fechou o zíper e jogou-o por cima do ombro.

Ele me virou e enfiou meu rosto em seu peito. Eu podia sentir uma arma no centro das minhas costas enquanto ele me levava de costas para fora do quarto. "Não se atreva a olhar, princesa." Balancei a cabeça e peguei um punhado de sua camiseta. Sua mão virou nas minhas costas e dobrou a porta do apartamento. "Nós vamos bem e devagar. Não faça barulho." Então ele me girou para ficar de frente para o corredor. "Olhos à frente", ele rosnou e caminhou para

frente, com a arma apontada à minha frente, por cima do ombro, o outro braço em volta da minha barriga.

Eu vi os corpos. Quatro. Cinco deles. Era impossível não vê-los, mas com Jason nas minhas costas consegui bloqueá-los. Consegui respirar apesar do enjôo que estava em meu estômago ao ver todo o sangue no chão e nas paredes.

Paramos na porta da escada, a fumaça subia do fundo. "Porra", ele amaldiçoou e colocou a palma da mão a alguns centímetros da porta, pairando. Caminhamos mais pelo corredor, parando na porta ao lado, enquanto Jason encostava minhas costas na parede ao lado dela. Ele testou novamente o calor da porta, respirou fundo e a abriu, apontando a arma. "Mãos na minha cintura, Low. Não deixe ir."

Fiz o que ele disse, segurando um coldre de arma pendurado em seus ombros, e segui-o escada abaixo. Ele desceu em um ângulo, colocando meu corpo entre ele e a parede de forma protetora. Descemos até o nível inferior e ele pressionou minhas costas contra a parede. "Vá devagar, Low. Não fuja de mim." Seus olhos azuis perfuraram os meus e eu balancei a cabeça rapidamente.

Ele abriu a porta e apontou a arma para os dois lados do corredor, depois me puxou para frente dele como havia feito lá em cima, a arma apontada para a nossa frente. Caminhamos pelo saguão, devagar e silenciosamente. Estávamos na porta da frente e eu estava boquiaberta com o desastre lá fora quando um grito alto ecoou pelo corredor. Jason se virou e me jogou contra a parede atrás dele e simplesmente... *atirou em uma mulher*.

Ela estava correndo em nossa direção a toda velocidade, com o rosto e as roupas ensanguentados. E então uma bala atravessou seu cérebro e ela voou para trás. Fiquei boquiaberta para ela, novas lágrimas brotando. Jason me sacudiu e gritou na minha cara. Ele apertou meu queixo com força e eu observei sua boca se mover, mas não consegui entender as palavras. Meu mundo ficou abafado. O choque me paralisou. Ele apertou meu queixo com o punho até que eu estremeci de dor e me sacudiu violentamente. Eu pisquei.

Lentamente, suas palavras foram filtradas. "Temos que correr para pegar minha motocicleta", ele rosnou. Eu balancei a cabeça e ele soltou um suspiro de alívio.

Ele me puxou para frente dele, empurrando as portas de vidro para o caos. Gritos perfuraram o ar e explosões explodiram, sacudindo o chão. "Corre!" Ele gritou e me empurrou para frente. Ele apontou para sua motocicleta a alguns metros de distância e eu corri o mais rápido que pude.

Dezenas e dezenas de pessoas enlouquecidas e ensanguentadas correram em nossa direção. Jason me empurrou para a frente da moto e subiu atrás de mim. Ele bateu o pé no chão e a moto ganhou vida. As rodas guincharam e ele saiu para a rua, esquivando-se de pessoas e carros. Detritos de todos os tipos o forçaram a desviar por toda a estrada. Senti mãos arranhando meus braços e pernas, mas estávamos voando rápido demais para que elas pudessem nos agarrar.

Minhas mãos estavam sob seus braços, agarrando seus antebraços, e suas coxas estavam pressionadas contra mim. Ele estava curvado sobre mim, enrolando seu grande corpo protetoramente em volta do meu. O vento arrancou as lágrimas do meu rosto enquanto elas caíam, e meus olhos ardiavam, mas eu não conseguia desviar o olhar da estrada. Foi horrível demais.

Não demorou muito para que eu percebesse que estávamos nos aprofundando na cidade, e não nos afastando dela. "Onde estamos indo?" Eu gritei acima do barulho da moto.

"Mãe," ele gritou de volta. Pisquei meus olhos secos. Claro, ele iria querer ir para a casa de sua mãe. Sua mãe, seu outro tio, Paulie, e a ex-mulher de Rick eram a única família que ele tinha na cidade além de Rick. Suas outras tias e tios moravam mais ao sul, e as filhas de Rick já haviam saído da faculdade e moravam na Virgínia. Mas por que ele não iria primeiro para a casa de sua mãe? Eu sabia que ele e Rick eram próximos. Eles tiveram um vínculo estreito quando ele era criança. Mas ultimamente esse vínculo estava muito tenso. Por que ir atrás de Rick primeiro? Eu primeiro? Por que vir?

DIRIGIMOS PELAS RUAS e as coisas que víamos garantiriam que eu nunca mais dormisse. Quanto mais nos aprofundávamos na cidade, mais caótico ela era. As pessoas gritavam nos telhados e morriam nas ruas. Hordas de pessoas levadas à mesma loucura que Rick e a mulher que Jason atirou correram pelas ruas atacando as pessoas sem qualquer rima ou razão.

Jason teve que dirigir até a calçada mais de uma vez só para contornar o pandemônio. As pessoas tentaram nos agarrar, mas estávamos nos movendo rápido demais. Meus músculos estavam tão contraídos de terror que mal conseguia sentir os dedos dos pés ou das mãos. Jason chegou à casa e derrapou até parar, inclinando-se com tanta força que minhas pernas quase arranharam a rua.

Ele chutou o cavalete da moto e disparou a arma por cima do meu ombro enquanto um homem gritava e corria em nossa direção. Soltei um soluço chocado quando sua cabeça explodiu na calçada. "Porque você fez isso?" Gritei quando Jason me puxou da moto e me empurrou escada acima. Uma mulher gritou por trás por socorro e eu me virei. Jason agarrou meu braço com força e me jogou contra a porta, atrapalhando-se com a maçaneta.

"Agora não," ele rosnou para mim enquanto empurrava a porta.

"Você o matou!" Gritei de volta e caí de joelhos enquanto caímos para dentro de casa.

"Ele teria feito pior conosco", ele rosnou e me puxou para cima. Ele apontou a arma para a sala da frente e para cada porta. "Mãe!"

"O que está acontecendo?" Chorei e abracei minha barriga, me afastando dele. Minhas costas bateram na parede e eu pulei.

Jason me ignorou e gritou novamente por sua mãe. Ele esperou um pouco, ouvindo com atenção, e então agarrou meu braço, me puxando para dentro da casa. Procuramos no andar de baixo, mas não encontramos nada além de um vidro quebrado e algumas cadeiras viradas. Jason pareceu ficar mais agitado com a visão e me puxou rapidamente escada acima até o segundo andar.

Os primeiros quartos estavam vazios, mas um som de batida no final do corredor me assustou, e observei, apavorada, Jason enrijecer e apontar a arma para a porta no final do corredor. "Mãe?" ele chamou novamente. Outro estrondo e um grunhido e Jason respirou fundo, olhando para mim. Pisquei as lágrimas enquanto ele vacilava. "Fique atrás de mim," ele disse ríspidamente. Balancei a cabeça rapidamente e o segui pelo corredor.

Andei na ponta dos pés atrás dele alguns metros e segurei os cotovelos enquanto ele parava na porta, ouvindo. Ele respirou fundo e girou suavemente a maçaneta. Ele olhou para mim novamente antes de abrir lentamente a porta com o cano da arma. "Porra!" ele explodiu de repente, e a porta bateu em seu braço, prendendo-o. Um uivo enfurecido ecoou pelo corredor, e eu engasguei quando Jason chutou a parede, abrindo a porta. O vizinho, Sr. Waverly, enfiou o

rosto ensanguentado pela porta e rangeu os dentes para Jason, suas mãos agarrando os braços de Jason, impedindo-o de atirar. O homem parecia meio morto. Tiras de carne de seu rosto pendiam e seu olho esquerdo estava completamente arrancado da órbita. Pulei para frente para ajudar a libertar Jason, mas fui abordada por trás.

Eu grunhi enquanto caí e meu queixo bateu contra o chão de madeira. Garras cravaram-se em minhas costas e eu gritei, rolando contra a parede. A ex-mulher de Rick, Mary, agachou-se acima de mim. Seus olhos estavam selvagens e tão desbotados que mal conseguia ver as pupilas. Seus dentes estavam ensanguentados e metade de sua mandíbula estava completamente faltando. Eu a desalojei quando rolei, mas ela rapidamente se lançou sobre mim novamente e estalou os dentes na minha cara. Minhas mãos cavaram sua mandíbula, segurando-a, e eu gritei quando suas unhas quebraram a pele sob meus braços.

Empurrei minhas pernas para cima e chutei sua barriga, mas ela era muito mais pesada que eu e seu peso me manteve presa. Um tiro explodiu por trás, e então Jason estava lá, arrancando-a de mim. Ele a jogou contra a parede e ergueu a arma.

Mas ele hesitou.

Mary se lançou sobre mim novamente. Seus joelhos pousaram em meu estômago e minha respiração me deixou ofegante. Eu engasguei e empurrei seu peito enquanto ela me atacava. Ouvei outro tiro e a cabeça dela explodiu em meu rosto e peito.

Eu engasguei, a bile subindo pela minha garganta. Seu corpo caiu em cima de mim e minhas mãos tremiam enquanto eu empurrava freneticamente seu corpo sem vida. Jason puxou-a de mim e eu rolei de joelhos, vomitando e expelindo bile laranja da boca. Jason me pegou pela cintura e me empurrou para o banheiro próximo. Caí de joelhos e vomitei no banheiro. Um sangue coagulado cor de Cheeto arranhou minha garganta e me sufocou enquanto eu soluçava e tremia.

Jason esfregou minhas costas e afastou meu cabelo do rosto até que eu me afastei do vaso sanitário. Ele pegou uma toalha e limpou no meu rosto, limpando correntes de sangue e sangue coagulado de mim. Engasguei novamente e me afastei dele, usando a pia para me levantar. Abri a torneira de água e esfreguei freneticamente meu rosto e pescoço. Jason me entregou um copo e eu o enchi, lavei a boca e cuspi repetidas vezes. Depois, levantei-me e olhei para minha camisa arruinada. Estava completamente revestida.

Eu freneticamente a arranquei e joguei fora; a regata por baixo estava úmida, mas não tão ruim quanto a camisa. Virei-me rigidamente e olhei para Jason. Ele estava de costas para mim enquanto olhava para o corredor – de volta para a porta por onde o Sr. Waverly havia saído. Seu corpo estava rígido. As veias de seus braços e mãos estavam salientes. "Jason?"

Ele olhou para mim por cima do ombro. "Hora de ir."

"Sua mãe?" Perguntei. Não viemos aqui por ela? Ela ainda poderia estar aqui. Ela poderia estar se escondendo.

Ele balançou a cabeça e olhou para a porta no final do corredor. "Vamos." Ele saiu para o corredor e desceu as escadas. Corri atrás dele, olhando para trás, para a sala. Ela estava lá? Ele a viu?

Jason foi para a cozinha com a arma levantada. Ele olhou ao redor da sala antes de ir para uma tigela de vidro no balcão. "Arrume um pouco de comida."

Eu o observei vasculhar o conteúdo da tigela até que ele encontrou um molho de chaves frias sobre mim. "Jay?" Aproximei-me dele e toquei levemente suas costas largas. Ele enrijeceu.

“Agora,” ele disse, baixo e áspero. Sacudindo minha mão, ele foi até um armário e tirou sacolas de lona do supermercado, jogando-as para mim. Corri até os armários e peguei latas e caixas de comida, perfeitamente consciente dele e de sua raiva palpável. Eu pulei quando ele bateu a porta da garagem atrás dele. Dei um suspiro quando fiquei sozinha na cozinha.

Olhando para uma lata de ervilhas em minha mão, olhei para ela. Achei que sabia por que ele queria que eu recolhesse as latas, mas não consegui aceitar o motivo. Por que estávamos reunindo suprimentos? Como ele foi capaz de pensar tão claramente agora? Eu mal conseguia passar de um segundo para o outro sem que minhas emoções me dominassem. Comida e roupas eram as últimas coisas em minha mente. Eu só queria sair desta cidade. Eu queria ficar o mais longe possível do caos. Mas embora Jason parecesse estar se preparando para alguma coisa, eu não achava que algum dia seria capaz de aceitar, mesmo remotamente, uma situação em que precisaríamos de dezenas de latas de ervilhas.

Deixei as sacolas no balcão e caminhei hesitantemente até a televisão localizada no balcão oposto. Minhas mãos se levantaram sem pensar e eu liguei. A tela ficou cheia de estática por um momento antes de desaparecer em uma estação de notícias.

Palavras como infecção e surto foram divulgadas pelos âncoras.

Lei marcial.

Evacuações de emergência.

Eu ouvi as palavras, mas não conseguia tirar os olhos dos cliques de caos que fluíam por trás das âncoras. Cidade após cidade, cidade após cidade, passavam. Não foi apenas em Maryland. Eram Virgínia e Pensilvânia. Nova York e Boston. Flórida. Quase toda a costa leste estava em estado de pânico.

Caminhões militares, helicópteros e *tanques* entraram nas áreas infectadas da tela. Soldados, fuzileiros navais e a Guarda Costeira correram pelas ruas, com suas armas apontadas para os cidadãos americanos.

Civis .

Os âncoras estavam brancos como lençóis e diziam às pessoas para ficarem em casa. Não entre em pânico. Mas mesmo eles não acreditaram nas suas próprias palavras – não havia convicção por trás deles.

E os corpos. *Havia tantos corpos*. Centenas deles alinhavam-se nas ruas, alguns com lençóis brancos ensanguentados sobre eles. Mas foram as pilhas que fizeram a bile subir de volta para minha garganta. Havia *montes* de corpos ensanguentados empilhados uns sobre os outros.

Um dos âncoras cortou para um repórter no meio da cidade de Nova York. Milhares de pessoas gritavam nas ruas. Gritando por ajuda. Pelas suas vidas.

Mas alguns deles, alguns deles eram como Rick, como o homem no corredor, como a mulher que Jay atirou. Eles estavam loucos. Atacando as pessoas. *Mordendo-os*.

Eles os chamavam de Devastados.

Estremeci quando o repórter gritou acima do pânico, relatando o pandemônio. Ele olhou para a câmera e falou sobre a perda de vidas enquanto homens, mulheres e crianças corriam para salvar suas vidas atrás dele.

E então um homem saiu da rua e correu nas costas do repórter. A câmera tremeu quando os âncoras no estúdio gritaram o nome do repórter. Jim. Jim olhou para trás no momento em que o homem saltou de costas e o derrubou no chão. O cinegrafista deixou cair a câmera, mas ela estava apontada para o rosto agonizante de Jim enquanto seu ombro estava despedaçado.

Jay bateu a mão no botão liga/desliga da televisão, me assustando. Olhei para seu rosto lívido. Ele olhou para mim enquanto eu limpava minhas bochechas molhadas furiosamente. Ele agarrou meu braço e me puxou para trás enquanto pegava as sacolas cheias de compras. Puxando-me pela garagem, ele parou na porta do passageiro de uma caminhonete velha. Ele jogou as sacolas antes de me empurrar para dentro.

"E- e a sua motocicleta?"

"Nunca conseguiremos sair da cidade com ela," ele disse sem emoção antes de bater a porta.

"Jay, onde está sua mãe?" Eu perguntei, minha voz pequena e assustada.

Ele olhou para mim, com os olhos fechados e frios. Ele girou a chave, ligando a caminhonete.  
"Morta."

## CAPÍTULO TRÊS

A porta da garagem se levantou lentamente, assim como minha respiração irregular. "Como você vai levar isso adiante?" Não havia como conseguirmos contornar pessoas e carros abandonados como fizemos em sua motocicleta. Não havia como dirigir essa caminhonete e sair da cidade.

Jason me ignorou quando a porta da garagem se abriu totalmente, revelando dezenas e dezenas de pessoas enlouquecidas. Seus olhos se voltaram para a caminhonete enquanto Jay acelerava o motor. Uivos de raiva encheram o ar e meus dedos se curvaram em meus joelhos, me apunhalando através do jeans.

Eu não conseguia desviar o olhar das pessoas quando elas se viraram em uníssono e correram para a porta da garagem. Jay pisou fundo no acelerador e saímos da garagem. Ele desviou bruscamente, me jogando contra a porta do passageiro. Agarrei-me à maçaneta enquanto ele se esquivava dos corpos que corriam direto para nós. Eles não pareciam se importar que iríamos atropelá-los. Eles não pareciam nem um pouco preocupados com sua própria segurança. Eles simplesmente continuaram vindo em nossa direção.

Jason praguejou quando um homem se jogou no capô da caminhonete, agarrando-se nas laterais. Seus olhos estavam vermelhos e fios de carne e sangue escorriam de sua boca. Jason desviou a caminhonete de um lado para o outro, sacudindo o homem para soltá-lo. Ele voou pelo ar e bateu na estrada, e nós passamos por ele. As mãos de Jason agarraram o volante com força enquanto ele se esquivava de corpos e carros abandonados. A caminhonete saltou enquanto atropelamos detritos espalhados por toda a estrada.

Eu podia sentir meus dentes doendo enquanto os cerrava com força. Minhas mãos ficaram tensas enquanto eu agarrava o assento e a porta. Quando viramos na estrada principal, Jason pisou no freio.

Mais adiante, não eram carros ou itens esquecidos aleatórios que cobriam as ruas. Eram corpos – dezenas deles.

Meu peito doía enquanto eu ofegava em pânico. Olhei para Jay. Ele olhou para a estrada, o rosto pálido e tenso. "O que nós fazemos?" Eu perguntei a ele. Não poderíamos simplesmente atropelá-los! Eles eram pessoas!

Eles poderiam estar vivos! Ferido! Algo bateu na minha janela e eu gritei, me sentando no centro do banco, minhas costas encontrando o ombro de Jason. Uma senhora idosa uivou e guinchou ao bater na janela. Seu pescoço estava aberto. A pele cedeu, mostrando ossos e músculos dilacerados. Eu não entendia como ela ainda podia estar de pé com um ferimento daqueles. Jason amaldiçoou novamente e agarrou minha cabeça, virando-a para a esquerda e em seu ombro.

"Não olhe," ele murmurou. Então ele ligou o motor novamente e nós dois estávamos pulando na cabine da caminhonete. A mão de Jason cobriu minha orelha direita e eu cobri a esquerda, meu nariz enterrado em seu ombro. Mas eu ainda podia ouvir. A crise. As bofetadas

molhadas. Eu sabia o que estávamos atingindo – o que estava fazendo aqueles sons – e tremi com o conhecimento. Meu corpo resistiu com a força dos meus soluços. Minha mão direita agarrou a camiseta de Jason com força.

Finalmente, a viagem suavizou e eu abri os olhos. Olhando pela traseira da caminhonete, pude ver pessoas correndo e nos perseguindo. Além deles estava a cidade. Eu podia ver a fumaça subindo dos prédios – o fogo e a destruição. A mão de Jason deixou minha orelha e se enrolou em meu cabelo. Ele se afastou e olhou rapidamente nos meus olhos, depois voltou para a estrada. "Você está bem?" ele perguntou ríspidamente.

Balancei a cabeça rapidamente e me afastei dele. Fiquei rígida enquanto dirigíamos pelas ruas. Os edifícios encolheram atrás de nós e a estrada tornou-se mais larga. Ainda via carros abandonados, mas eram menos, e algo nisso me incomodava. Onde estavam pessoas como nós? Onde estava o trânsito - as pessoas fugindo ?

"Aconteceu tão rápido", murmurei para mim mesmo. Não houve aviso. Fui para a cama em um mundo completamente normal e acordei neste. Eu estava no meu quarto há algumas horas ouvindo minha música, completamente inconsciente, mas seria de se esperar que houvesse algum tipo de aviso antes disso. Algum tipo de surto. Pessoas apresentando sintomas de alguma coisa. O CDC emitindo uma declaração para nos preparar. Algo. Mas não houve – nem uma palavra nas notícias ou na Internet. "Como isso é possível?"

Jason olhou para mim e voltou para a estrada, balançando a cabeça. Ele puxou o telefone do bolso de trás e apertou o botão do alto-falante enquanto observava a estrada. "Ren?"

"Onde diabos você esteve?" Ren, o melhor amigo de Jay, gritou do outro lado da linha. "Estamos ligando para você há horas!"

"Eu tive que pegar minha mãe", Jay disse com voz rouca.

"Ela faz? Cara, bateu forte. Não achei que você chegaria até ela a tempo."

Jay pigarreou e apertou ainda mais o volante. "Não. Ela não sobreviveu.

"Porra, Jay. Sinto muito, cara." Silêncio em ambas as extremidades. "E seus primos? Não tive notícias de Paulie."

Jay cerrou a mandíbula. — Paulie disse que estava a caminho da última vez que falei com ele.

"A quanto tempo?"

Jay olhou para o relógio no painel. "Cerca de duas horas."

"Tudo bem, o velho é mais durão do que parece. Ele enfrentou Burman quando foi derrotado, e você sabe que Bur é um maldito tanque."

Jay assentiu e olhou para mim brevemente. "O maldito Rick se foi, cara."

"Merda." Ren suspirou audivelmente na linha. "Todo o maldito clube está uma bagunça. Não conseguimos falar com metade dos rapazes. Todos estão tentando encontrar suas famílias. Você precisa chegar aqui. Precisamos descobrir nosso próximo passo."

"Estou a caminho. Você falou com sua irmã?"

"Sim, ela está no oeste. Ela está com seu homem. Os militares estão montando algum tipo de acampamento seguro. Eles vão ficar lá. "

Jay balançou a cabeça. "Pode não ser uma má ideia todos nós seguirmos nessa direção."

"Eu não conheço Jay. Estão dizendo que está se espalhando rapidamente para oeste. Precisamos nos abrigar, não ficar na estrada."

"O que Gill disse?" Jay fez uma curva fechada e diminuiu a velocidade à medida que a estrada ficava mais estreita.

Ren suspirou novamente. "Ele é uma bagunça. Fran estava em Nova York visitando a mãe. Ele não consegue contatá-la pelo celular. Acho que ele vai para lá. Sem ele ou Paulie, precisamos de você aqui."

"Ren, não posso simplesmente deixar Paulie sozinho procurando pelas meninas. Preciso ir para a Virgínia."

Ren amaldiçoou. "Tudo bem, descubra onde ele está, mas não é inteligente ir lá sozinho."

"Vou levar Rain e Cam comigo."

"Você vem aqui primeiro?" Ren perguntou surpreso.

Jay olhou para mim. "Eu tenho que deixar alguém."

Meu estômago caiu. Ele estava me deixando? Com seu clube? Eu não conhecia nenhum deles muito bem e eles não eram exatamente acolhedores. Balancei minha cabeça rapidamente. Ele desviou o olhar.

"Quem?" Ren perguntou baixo. Jay permaneceu em silêncio. Ren riu sombriamente. "Você está brincando comigo?"

Olhei para o meu colo. Ren me odiava quase tanto quanto Jason. Eles eram praticamente irmãos. Eles cresceram juntos. Além disso, eles estavam juntos no clube do tio de Jason. Esses caras eram todos como irmãos. Eles tinham um vínculo inquebrável. No momento em que Jason decidiu que eu era uma perda de espaço, todos o fizeram. Também não ajudou o fato de o tio de Jay, Paulie – o presidente do clube – ter sido casado com a irmã de Mary.

Eu *não* seria bem-vinda lá.

"Como diabos isso aconteceu?" Ren rosnou.

"Eu liguei para Rick para ver se ele poderia ir até a casa da minha mãe," Jay rosnou de volta. "Ela respondeu. Eu deveria tê-la deixado lá?"

Silêncio. Pisquei para afastar as lágrimas. Jay me salvou. Eu estava muito grata. Tão *aliviada*. Eu não sabia por que ele foi até lá, mas ouvi-lo dizer que se sentia obrigado me lembrou quem ele realmente era. Como ele realmente estava comigo. Se eu não tivesse respondido, ele nem teria vindo. Eu nem sequer pensei. E por que eu estaria? Ele me odiava.

Eu me senti sozinha durante toda a minha vida, mas agora *estava realmente* sozinha.

Jay suspirou e olhou para mim novamente. "Vou deixá-la com você e sair."

"Tudo bem," Ren rosnou. "Mas Paulie vai ficar muito chateado. E quando Mary chegar aqui, hein?"

Jay cerrou a mandíbula novamente. Observei-o através do reflexo na janela do passageiro. "Mary estava na casa da mãe", ele disse.

Ren explodiu com uma maldição. "Não conte a Paulie ainda, porra. Isso só vai matá-lo." Ele amaldiçoou novamente. "Eu sinto muito, cara."

"Sim", Jay respondeu com voz rouca. "Estarei aí em trinta." Então ele desligou o telefone. Ele olhou para mim. "Basta manter a boca fechada e a cabeça baixa. Você vai ficar bem."

Eu não respondi a ele. Não achei que os membros do clube fossem homens maus. Na verdade, a maioria deles eram militares. Eles eram heróis. Mas eu não seria recebida de braços abertos. Eu poderia me misturar à parede e eles ainda me veriam no meio da multidão. Eu só tinha ido a uma festa do clube, e foi porque Rick me arrastou até lá, insistindo que seria bom para a família. Mas não foi. Rick amava seu irmão, Paulie, e Paulie também o amava. Mas Paulie também amava a ex-mulher de Rick, Mary. Quando sua esposa morreu, há mais de uma década, ele prometeu a ela que cuidaria de sua irmã em seu leito de morte. Paulie levou essa promessa

muito a sério. Ele cuidou de Mary por causa da promessa que fez à esposa, mas também porque a considerava uma irmã. Rick machucou Mary e Paulie lutou contra isso; mesmo sendo irmãos, o relacionamento deles tinha sido difícil desde que os conheci. No segundo em que Rick apareceu naquela festa comigo e minha mãe a reboque – bem, fomos levados para a porta muito rapidamente.

Eu senti um medo genuíno com todos aqueles olhos hostis fixos em mim. Achei que não conseguiria lidar com isso de novo. Não sozinha. Agora não.

JAY TENTOU LIGAR PARA Paulie algumas vezes, mas continuou recebendo sinal de ocupado. Dirigimos em silêncio por um tempo. Passamos por alguns carros na estrada, mas não suficiente. Não é normal. O limite de velocidade era coisa do passado. As pessoas corriam ao nosso redor, indo tão rápido que balançavam a caminhonete. Jay estava com o pé pesado no acelerador, mas a caminhonete era velha.

A fumaça subia dos edifícios próximos. Ocasionalmente, víamos uma pessoa enlouquecida atravessando a rua, mas Jay os contornou facilmente e, antes que eu percebesse, paramos na entrada da sede do clube.

A sede do clube ficava afastada da estrada principal. Longe o suficiente para que as árvores fornecessem cobertura, mas não tão longe que você não pudesse correr até um posto de gasolina. A sede do clube tinha um bar na frente - o Benson's - em homenagem ao falecido pai de Jason, o antigo executor do clube. Atrás do Benson's havia outra área de bar privada e um conjunto de salas onde Jason, Ren e alguns outros membros moravam quando não estavam destacados.

Jason estacionou a caminhonete e uma dúzia de homens saiu do bar, armas em punho e apontadas para a estrada e a floresta ao nosso redor. Mais de quinze motocicletas e alguns outros veículos alinhavam-se na frente do prédio. Jason saltou da caminhonete e recebeu tapas e abraços do grupo.

Sentei-me na caminhonete, congelada e tremendo. Depois que Ren terminou de sussurrar algo no ouvido de Jay, vários pares de olhos fixaram-se nos meus através do para-brisa.

Jay acenou com a cabeça para mim e eu lentamente abri a porta da caminhonete. Descendo, mantive meus olhos no grupo de homens desafiadoramente. Eu não poderia mostrar a eles meu medo agora. Eu não tinha outro lugar para ir, e se lhes mostrasse um pingote de fraqueza, eles iriam atrás disso como uma matilha de cães de caça.

O grupo ficou em silêncio quando me aproximei deles. Ren balançou a cabeça e olhou para mim. Apertei minha mandíbula com força para que ela não tremesse. Foi realmente tão ruim? Eu estava aqui em vez de estar *lá fora* tão ruim? Eles realmente não se importavam com minha segurança? Eu não era um deles. Eu sabia. Mas eu ainda era humano. Eu merecia a decência humana básica, não é?

Ren olhou para o grupo e acenou com a cabeça. Relutantemente, os outros membros do clube se viraram e voltaram para dentro do bar. Não sem olhar para mim, no entanto. Um caroço do tamanho de uma bola de golfe desceu pela minha garganta.

"Você vai e volta rápido. Você me escuta?" Ren fez uma careta para Jay.

Ele assentiu e agarrou meu braço, me puxando pela porta do bar. Pisquei várias vezes enquanto meus olhos se ajustavam à iluminação escura lá dentro. Corpos preencheram quase

todas as fendas do bar. Os membros do clube estavam lá – pelo menos alguns deles – e suas famílias. Mulheres e crianças. O choro de um bebê veio do fundo do bar.

Jason foi até o bar e levantou um banquinho vazio. Ele o deixou cair em um canto da sala e me empurrou para cima dele. Ao olhar ao redor da sala para os olhares hostis, comecei a tremer. Eu podia sentir os olhos de Jason queimando na lateral do meu rosto.

Ele suspirou. "Sente-se aqui e espere por mim. Não se mova e não diga nada."

Mordi minha língua até sentir gosto de sangue. Eu não olhei para ele. Encontrei os olhos de Ren do outro lado da sala e olhei para ele.

"Tire esse olhar do seu rosto," Jason rosnou e beliscou meu queixo, virando-me para encará-lo. "Não os irrite. Você quer estar lá sozinha?"

Mudei meu olhar para ele, meus olhos ardendo pelas lágrimas que queriam cair.

Ele suspirou novamente. "Só não faça nada até eu voltar."

Ele se afastou e minha mão disparou, agarrando a dele com força. Ele olhou para baixo e depois para meu rosto. Mordi o lábio ansiosamente: "P-posso ir com você?"

Jason piscou. Algo se moveu em seus olhos e os suavizou. E por um momento, apenas um, pensei ter visto. Medo, *por mim*. Achei que ele iria me levar. Mas então ele cerrou a mandíbula. "Você acha que Paulie será mais fácil de lidar?"

Senti o sangue sumir do meu rosto. Paulie era assustador – mais assustador do que Jason e Ren.

"Não será mais fácil com ele."

Mas não se tratava de quem era mais fácil: seu clube ou Paulie. Eu não queria que Jay me deixasse. Eu me odiei um pouco naquele momento. Eu odiava depender de alguém – minha mãe, o dinheiro da mensalidade de Rick. Mas me senti segura com Jason. Não importa por que ele me salvou, ele salvou. E eu... eu estava com medo. Eu estava com tanto medo.

Mas eu não poderia dizer isso a Jason. Ele provavelmente já sabia disso só de olhar para mim, mas seria muito pior admitir isso em voz alta – admitir que ele era a única pessoa no mundo em quem eu confiava para ajudar a me manter segura. Porque profundo para baixo, se ele não fosse um homem tão bom, ele nunca teria vindo atrás de mim. Ele teria me deixado lá para morrer.

Então, mesmo enquanto minha língua formigava com a necessidade de implorar para que ele me levasse com ele, fiquei em silêncio.

E eu o observei ir embora.

## CAPÍTULO QUATRO

Ren entregou a Jason com um telefone via satélite e uma bolsa preta. Jason olhou para mim. Ele hesitou, seus olhos se agitando novamente com algo que parecia muito com preocupação. Mas passou e ele foi embora.

Fiquei olhando para a porta muito depois de ela ter se fechado atrás dele, abrindo e fechando os punhos no colo. Fiquei olhando para ele por tanto tempo que meu pescoço começou a doer.

"Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir, garota," uma mulher falou lentamente a alguns metros de distância, fazendo uma careta para mim.

Eu olhei para ela com expressão rígida. Congeladas.

"Bem?" ela bufou e se aproximou, me arrancando do banquinho. "Não há espaço para idiotas preguiçosos aqui."

Ela me puxou no meio da multidão até que eu estava no fundo do bar. Lá, ela apontou para um homem deitado em um sofá e jogou um kit de primeiros socorros em mim. Eu me atrapalhei e olhei para o homem. Ele estava sem camisa e sangrando do lado do corpo. Eu o reconheci da festa do clube que fui, mas não conseguia lembrar o nome dele. Seu colete de couro - ou corte - estava no encosto do sofá. Estava escrito 'Monty' no nome em seu peito.

Os olhos de Monty estavam vidrados e enevoados enquanto ele olhava para o teto, fazendo uma careta.

A mulher bufou novamente e me deu um empurrão. Tropecei até o homem enquanto ela resmungava e se afastava. Ela também usava um colete do clube, mas nas costas estava escrito "Propriedade de Dane". As pulseiras em seu pulso tilintaram quando ela se ajoelhou ao lado de uma mulher mais velha com um arranhão na testa.

Respirei fundo e me ajoelhei ao lado de Monty. Abrindo o kit de primeiros socorros, vi que estava muito mal embalado. Tinha band-aids, mas sem curativos. O creme antibacteriano estava quase vazio. Vasculhei até encontrar alguns lenços umedecidos com álcool e os rasguei. Limpando as mãos primeiro, olhei para Monty por baixo dos cílios. Ele era um homem mais velho, com listras grisalhas na barba, mas tinha uma constituição poderosa.

Limpei a garganta e pulei quando sua cabeça se virou para me encarar. Seus olhos percorreram meu rosto por um momento antes do reconhecimento passar por eles, e ele enrijeceu.

Levantei as mãos, uma segurando um lenço com álcool e a outra um band-aid. Eu sorri fracamente. Ele piscou e percorreu os olhos para cima e para baixo em mim, a hostilidade desaparecendo deles. "Rápido, garota."

Balancei a cabeça e comecei a trabalhar. Sua ferida era pequena, mas profunda. Parecia um ferimento perfurado, mas não ousei perguntar como ele conseguiu aquilo. Ele já estava rígido e a tensão sangrava por todos os poros. Depois que o ferimento ficou limpo, balancei a cabeça enquanto colocava band-aids nele. Foi um trabalho de remendo terrível, mas eu não tinha mais

nada. Recostando-me, observei-o inclinar-se para frente e inspecionar a área desleixada. Ele grunhiu e sentou-se, fazendo uma careta. Afastando-me, olhei ao redor da sala, hesitante. O que agora? Volto para o meu banquinho no canto ou tento ajudar outra pessoa. A senhora de Dane ainda estava ajudando a mulher, mas além de outro homem dormindo com o braço enrolado, eu não sabia se mais alguém precisava de ajuda. E eu não ia perguntar.

"Jay trouxe você aqui?" Monty perguntou ríspidamente ao meu lado. Eu me encolhi com o quão perto ele estava e seu olhar flagrante. Eu balancei a cabeça.

"Você fala?"

Balancei a cabeça novamente, instintivamente, mas parei e fiz uma careta. "Sim, ele me trouxe."

Os olhos de Ren eram como mísseis enquanto atravessavam a sala e se estreitavam em mim. Eu não achei que ele pudesse me ouvir com toda a conversa na sala, mas ele obviamente estava olhando para mim enquanto conversava com alguns outros membros do clube.

Monty grunhiu e estreitou os olhos para mim, pensativo. "Você é sempre tão quieta assim?"

Pisquei confusa e olhei para ele. "Não." Eu elaborei a palavra. Ele olhou e eu estremei. Este homem poderia me expulsar daqui. Ele poderia me jogar para fora com todas aquelas pessoas malucas. Jason estava certo. Eu precisava sentar e ficar quieta. Atitude não era minha amiga aqui.

"Paulie disse que você era uma espertinha." Monty balançou a cabeça.

"Ele fez?" Não fiquei surpresa que Paulie dissesse isso sobre mim. Eu tendia a ter um pouco de atitude em situações em que me sentia ameaçado. Fiquei, no entanto, surpresa por Paulie ter falado de mim. O homem tinha um olhar cruel e quase não falava. Mas você sempre poderia dizer o que ele estava pensando pela emoção em seus olhos. O tio de Jason estava em constante estado de fúria perto de mim.

Monty assentiu e fez uma careta, levantando-se. "Vamos. Você pode me dar uma mão."

Observei-o mancar alguns metros, depois parar e virar a cabeça, erguendo as sobrancelhas para mim. Olhei de volta para Ren e recebi o mesmo olhar de antes. Sem mais nada para fazer, levantei-me e segui-o. Eu poderia ficar e irritar Monty ou ir irritar Ren. Eu estava em uma situação sem saída. Mas pelo menos se eu seguisse Monty, teria algo para fazer em vez de ficar sentada em silêncio esperando Jason voltar. Se ele conseguisse voltar. Eu não conseguia nem pensar na possibilidade de algo acontecer com ele e ficar aqui sozinha.

"Pegue isso," Monty grunhiu enquanto me entregava uma sacola. Eu peguei quando ele mesmo pegou uma e seguiu até o fundo do bar e através de uma porta. Caminhamos pelo corredor que levava aos quartos onde os irmãos do clube ficavam e à porta dos fundos. Fiquei tensa quando Monty a abriu.

Eu não queria sair. Achei que nunca mais me sentiria confortável andando lá fora. Era muito aberto – muitas pessoas.

Minha pele estava tensa e úmida ao mesmo tempo. Monty grunhiu e me acenou quando eu não quis me mover. Ele suspirou quando recuei, mas um latido o impediu de dizer algo para mim. Um pequeno sorriso iluminou seu rosto e ele se virou para empurrar os focinhos que abriam caminho pela fresta da porta.

"Bozo, recue, fera." Eu recebi suas guloseimas. Um enorme pastor alemão latiu alegremente e recuou enquanto Monty se espremia pela abertura na porta. A porta foi mais aberta e suspirei de alívio quando percebi que ela levava a uma garagem aberta que abrigava várias motocicletas.

Ferramentas espalhadas pelo chão e pelas mesas, e algumas motocicletas foram desmontadas. Monty ficou a poucos metros da sala enquanto Bozo, outro pastor alemão, um pit bull e um rottweiler o rodeavam, latindo e ofegando alegremente. "Traga suas guloseimas, garota."

Pisquei e entrei pela porta lenta e cautelosamente. Os cães pareciam felizes em ver Monty, mas eu sabia por que estavam ali: eram cães de guarda. E eu não era um humano familiar para eles. Bozo enrijeceu quando me aproximei e me agachei, rosnando baixo, assim como o rottweiler. O outro pastor alemão me observou com cautela, mas o pit bull se agachou e se aproximou de mim. Fiquei imóvel enquanto ele farejava meus pés descalços. Não ousei me mover.

Todos os quatro cães eram enormes e ameaçadores, e eu não tinha dúvidas de que eles tinham um treinamento sério. Mas eu adorava animais, então me esforcei muito para não demonstrar meu medo. Se eles me viam como uma ameaça, era porque eu era uma. E eu nunca machucaria uma mosca, então estava confiante de que passaria no teste. Por outro lado, eles ouviriam seu dono. Então, se Monty sentia que a destruidora de lares precisava de uma pequena vingança, eu estava fodida.

Mas o pit bull não fez um movimento agressivo. Ele cheirou meus pés e finalmente rolou de costas, expondo sua barriga para mim.

Monty bufou. "Olly é o bebê."

Pisquei e sorri um pequeno sorriso enquanto Olly olhava para mim de cabeça para baixo, com a língua pendurada no canto da boca, sorrindo um sorriso canino. Observei os outros três cães enquanto lentamente me agachava e estendia as pontas dos dedos para Olly. Ele os cheirou em sua posição relaxada e se aproximou de mim. Os outros cães relaxaram, ainda me observando, enquanto eu esfregava lentamente sua barriga.

"Ela está segura, meninos", Monty murmurou para os cachorros enquanto vasculhava a bolsa que segurava. As caudas abanavam e latidos de excitação ecoavam pela sala enquanto ele lhes atirava guloseimas. "Olly está com dor de estômago, então você está com as guloseimas dele."

Balancei a cabeça e enfiei a mão na sacola, tirando um osso e deixando Olly tirá-lo da minha mão. Ele sentou-se contra meus joelhos enquanto mastigava. "Como você sabe que estou segura?" perguntei a Monty enquanto mantinha meus olhos nos cachorros.

"Você não é nada além de um bebê, garota. Eu sei que Paulie e Jay estavam preocupados com o que Rick e sua mãe estavam fazendo pelas costas, mas você não estava transando com ele."

Eu me encolhi tanto com a imagem perturbadora que suas palavras trouxeram quanto ao ouvi-lo falar o nome de Rick. O que isso dizia sobre mim o fato de não ter tido uma reação tão forte em relação à minha mãe? Eu não a odiei. Mas eu também não a amava. Ela não era uma boa pessoa, mas me deu a vida – ela e um homem que eu nunca conheci.

Monty praguejou e esfregou a barba grisalha. "Desculpe garota. Não tive a intenção de mencionar sua mãe. Ouvi dizer que algo aconteceu com ela."

Eu não iria corrigi-lo. Meu amor por Rick, o Rick pré-enlouquecido, não seria visto como inocente aqui. Eu apenas encolhi os ombros. "Não fui a única que perdeu alguém hoje." Pensei em Jay então. Do rosto dele naquele corredor. Da mãe dele, que foi muito mais maternal do que a minha. Que era um ser humano muito melhor do que a minha poderia ter esperado ser.

Monty grunhiu. "Sim, o mundo está fodido."

"V-você sabe o que está acontecendo?" Eu perguntei hesitante. Parte de mim estava morrendo de vontade de respostas – alguma forma de explicar as últimas horas. Mas havia uma pequena parte de mim que queria voltar para o meu quarto e aumentar o volume da minha música, para que eu nunca tivesse ouvido aquele grito. Ambas as partes eram irracionais e doíam como facas na minha barriga.

Monty se aproximou de mim e encostou-se na parede enquanto Olly se aproximava e lambia sua mão. "Não sei. Acordei com uma ligação de Prez. Disse para trazer minha bunda aqui, algo grande estava acontecendo. Nem cheguei à minha moto quando meu vizinho me atropelou com um atizador de fogo. Pensei que fosse louco ou algo assim." Monty riu secamente. "Pensei que ele estava maluco até que sua esposa rasgou sua garganta com os dentes."

Empalideci e desviei o olhar. Houve aquela sensação novamente. Aquele sentimento que dizia que eu sabia o que estava acontecendo. Mas não consegui dizer isso em voz alta. Parecia muito louco. Então, novamente, talvez eu estivesse louca. Talvez eu ainda estivesse na minha cama e tivesse adormecido, e tudo isso fosse um sonho louco e vívido. Eu me belisquei sutilmente debaixo do braço. Não, não é um sonho.

"Eu sei o que você está pensando. Parece maluco."

Eu balancei a cabeça. O que mais havia para dizer? Não *parecia apenas* maluco. Foi *maluco*.

"Quero dizer, mordendo. Certo?" Olhei para ele com ironia. "Isso traz algo muito específico à mente."

Monty soltou uma risada assustada, estremeando. "Eu não estou pronto para dizer isso. Você?"

Balancei a cabeça e olhei para Olly. Não, pensei que não conseguiria.

"Ei, Monty?" Eu espiei ele sob meus cílios. "Você acha que eu poderia pegar seu telefone emprestado?"

"Jay provavelmente não responderá."

Cerrei minha mandíbula. Eu não queria ligar para Jay. *Eu não*. "Estou preocupado com alguém."

Ele me observou por um momento, me examinando. Ele provavelmente estava tentando ver se eu tinha algo nefasto na manga. Eu odiei perguntar a ele, mas deixei meu telefone em casa. Inferno, eu tinha deixado meus *sapatos*.

Ele se inclinou para frente e tirou o telefone do bolso de trás, entregando-o. Mas ele não foi embora. Ele me observou enquanto eu discava um número.

Foi direto para o correio de voz algumas vezes e meu estômago se apertou. Tentei novamente, mas recebi sinal de ocupado. Quando ela finalmente atendeu, fiquei surpresa demais para responder alguma coisa. No fundo, eu esperava que as linhas telefônicas já estivessem desligadas. Talvez eles estivessem, em breve.

"Bem, quem é?" Dahlia parecia irritada como sempre. Nem um pinga de estranheza em sua voz.

"Boneca?" Perguntei baixinho, desviando o olhar curioso de Monty.

"Willow, é você?" ela gritou no meu ouvido. Assenti, embora ela não pudesse me ver. "Estávamos muito preocupados! Onde você esteve? Por que você não atendeu o telefone? Eu juro, por que vocês, punks, carregam isso por aí se nunca respondem?"

Monty bufou e relaxou contra a parede. Eu não tinha percebido que ele estava tão tenso até ver seu corpo relaxar. Ela falava tão alto, mas estava quieto o suficiente na garagem que ele devia ser capaz de ouvir cada palavra dela.

Dahlia continuou a gritar. "Billy está procurando por você. Você sabe como aquele garoto é desajeitado! Ele é tão descuidado que vai ser atropelado por aqueles zumbis." Monty fez um som sufocado cheio de diversão enquanto eu empalidecia.

Acho que *alguém* teve que dizer isso algum dia.

"Billy está procurando por mim?" Meu estômago apertou. "Ligue para ele de volta."

Ela fez um pequeno som de irritação. "Aquele garoto não escuta. Eu disse a ele que você ligaria. Ele apenas tinha que esperar."

De repente, me senti muito culpada por ter demorado tanto para ligar. Eu não tinha pensado neles até agora. "Ele não pode estar aí, Boneca," eu disse asperamente.

"Eu sei disso, criança. Mas Billy pode cuidar de si mesmo. Ele luta naquela academia desde que estava na escola." Ela quis dizer luta livre. Não pensei que a equipe de luta livre da escola iria preparar Billy para os *zumbis*. Deus, mesmo na minha cabeça, eu não poderia dizer isso sem vacilar. "Onde você está? E onde está aquela sua mãe? Não consigo nem imaginar como deve ser aquele clube chique para mulheres que ela frequenta. Deve estar cheio de comedores de homens vestidos demais." Ela parou e gargalhou no meu ouvido. Eu apenas balancei minha cabeça. Dahlia tinha mais de oitenta anos, mas se comportava como se ainda tivesse trinta. Era por isso que eu a amava tanto – mesmo que ela fosse um pouco inadequada às vezes.

"Ela, uh, ela está morta, Boneca."

Dahlia respirou fundo. Então houve uma pausa silenciosa. Ela fungou e limpou a garganta. "Bem, boa viagem então. Isso é o carma fazendo sua mágica."

Monty bufou e eu corei. Dahlia poderia parecer imprudente, mas eu sabia que aquela pausa era para mim. Ela sabia que eu amava minha mãe de qualquer maneira, mas também era sua maneira de seguir em frente.

"*Não tenho tempo para me prender aos momentos tristes, Willoweed*", ela sempre dizia. '*E você também não, então tire a poeira e continue em frente.*'

"Boneca, você precisa ligar de volta para Billy. Não estou no meu apartamento."

"Bem, onde você está?" ela bufou. Eu a ouvi andando pelo seu apartamento na cobertura, acima da livraria.

"Estou no clube," eu disse baixo, não perdendo o aviso que Monty enviou em minha direção. Mas eu não mentiria para Dahlia. Ela me deu um emprego aos quatorze anos, quando eu estava desesperada, e desde então ela é minha amiga. Ela foi a razão pela qual não completei o ensino médio com roupas rasgadas e pequenas demais para mim. E foi ela quem garantiu que eu comesse quando minha mãe desaparecia por semanas de cada vez. Eu devia a ela. Eu só queria merecê-la. Eu deveria ter exigido que Jason me levasse até ela, mas fiquei em choque.

"Clube? Que clube? O que você está fazendo em um clube? Você nunca bebeu na vida!" Eu ouvi a descrença em sua voz e corei novamente. Era verdade. Eu nunca tinha tomado nem um gole de álcool – não depois de testemunhar o vício de minha mãe. Não depois de sofrer o abuso induzido pelo álcool dos namorados da minha mãe. Não julguei quem bebia nas horas vagas, mas eu mesmo nunca tomaria.

"Não esse tipo de clube", eu me esquivei.

Ela respirou fundo. "*Não.*"

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Microsoft Word - Willow (Defy the Rava..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).